

A Lisboa do final do século XIX vista por Fialho de Almeida: O jornalismo literário como agente de políticas públicas

Vanda Rosa*

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro

RESUMO

Fialho de Almeida foi um jornalista literário português da viragem do século XIX que escreveu sobre a capital portuguesa. Abordando temas como a mulher, a educação, os bairros degradados e o crime, muito à semelhança de outros textos jornalístico-literários que abordaram a capital britânica, como os de Eça de Queirós ou Jaime Batalha Reis. O autor descreve as casas degradadas dos bairros operários e de locais como a Mouraria ou Alfama, antros de crime e de prostituição. Apresenta sugestões de melhoria, políticas públicas que, no seu entender, criariam espaços limpos, arejados e saudáveis. Também os ritos funerários são alvo do olhar fialhiano, ele que tem formação em medicina e, de forma a evitar a propagação de doenças, sugere a cremação. A educação, tema caro aos jornalistas literários desta época, merece igualmente atenção. A má qualidade do ensino, a seu ver, deve ser intervencionada, para que os alunos possam ser cidadãos capazes e se reduza a decadência social e moral de que Lisboa padecia. Assim, Fialho de Almeida, jornalista literário com

* Contacto da autora: vandafrosa@gmail.com

Este artigo tem por base a tese de doutoramento em Ciências da Comunicação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Nova de Lisboa em outubro de 2019, intitulada *A cidade de Lisboa no jornalismo literário de Fialho de Almeida*.

a pena aguçada, e à semelhança dos seus contemporâneos, apresenta, em várias áreas da sociedade, propostas de políticas públicas assentes nos seus conhecimentos científicos e na constante imersão na capital lusa.

Palavras-chave: Jornalismo literário, Políticas públicas, Lisboa, Século XIX, Decadência

ABSTRACT

Fialho de Almeida was a Portuguese literary journalist at the turn of the 19th Century who wrote about the Portuguese capital. He focuses on themes such as women, education, decadent neighbourhoods and crime, much like other literary journalistic texts that covered the British capital, such as those by Eça de Queirós or Jaime Batalha Reis. The author describes the deteriorated houses in working-class neighborhoods and places like Mouraria or Alfama, dens of crime and prostitution. He suggests improvements and public policies that, in his view, would create clean, airy, and healthy spaces. Funeral rites also fall under Fialho's scrutiny; with a background in medicine, he suggests cremation to prevent the spread of diseases. Education, a cherished theme among literary journalists of this era, also deserves attention. The poor quality of education, in his opinion, should be addressed so that students can become skilled citizens, reducing the social and moral decadence that Lisbon was suffering from. Thus, Fialho de Almeida, a literary journalist with a sharp pen, much like his contemporaries, presents proposals for public policies in various areas of society based on his scientific knowledge and constant immersion in the Portuguese capital.

Keywords: Literary Journalism, Public Policies, Lisbon, 19th Century, Decadence

Introdução

Fialho de Almeida foi um jornalista literário alentejano (nasceu em Vila de Frades em 1857) que veio estudar para Lisboa muito jovem, em 1866. Aí passou “cinco anos de privações e de maus tratos” (Almeida, 1903, p. x). Começou a trabalhar numa farmácia no Largo do Mitelo devido a dificuldades económicas, onde ele considerava ter passado sete anos ainda piores do que os do colégio. Apesar do sofrimento, o autor considera que tirou proveito desse tempo: “a botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existência de bairros pobres, numa cidade onde o operário envelhece sem a menor ideia de conforto” (Almeida, 1903, p. xi). Terão sido estas privações e o contacto com a população mais desfavorecida da capital que o levaram a escrever sobre essa realidade, em particular nas várias crónicas jornalísticas que assinou. Concluiu a sua licenciatura em Medicina em 1885, mas nunca exerceu. No entanto, a sua formação científica tê-lo-á levado a intervir socialmente através dos textos que assinou, através de sugestões de melhoria das habitações ou dos bairros lisboetas e justificando-as com dados científicos.

O jornalismo literário desenvolveu-se a partir do século XIX devido a uma série de mudanças sociais e económicas que se refletiram, consequentemente, no

jornalismo: a população leitora aumentou graças ao número crescente de pessoas alfabetizadas e à expansão das grandes cidades; o jornalismo deixou de ser propaganda e passou a ser informação baseada em factos e não na opinião; os jornalistas passaram a sê-lo a tempo inteiro; os avanços tecnológicos permitiram o aumento das tiragens; houve uma melhoria na reprodução de imagens, devido ao aparecimento da máquina fotográfica (1839), da fotogravura (1851) e da heliogravura (1905). Surge, assim, o repórter que, equiparado ao cientista, ao explorador ou ao historiador, reproduzia a realidade tal como ela era. Trabalhava as histórias das cidades e, semelhante a cientistas sociais, ia desbravando a sociedade: “Reporters in the 1890s saw themselves, in part, as scientists uncovering the economic and political facts of industrial life more badly, more clearly, and more ‘realistically’ than anyone had done before” (Schudson, 1978, p. 71).

Os textos de jornalismo literário apresentam a combinação entre a investigação profunda e a ambição literária. Leem-se como romances ou contos, mas são verdadeiros ou baseiam-se na experiência (Hartsock, 2000, p. 1). São textos que apresentam uma construção cena a cena; existem diálogos realistas de forma a envolver os leitores; o ponto de vista encontra-se na terceira pessoa, apresentando cada cena através dos olhos de uma personagem particular e dando ao leitor a sensação de estar na mente da personagem e a viver a realidade emocional da cena; registam-se gestos, hábitos, roupas, decoração, formas de viajar, de comer e comportamentos para com os outros, diferentes olhares e formas de andar.

São muitas destas características que vamos encontrar nas crónicas de Fialho de Almeida, nas quais dedicou bastante espaço ao lado escuro da capital portuguesa, que ele amou até ao fim da sua vida. E não foram poucas as vezes em que o jornalista literário se colocou na pele de legislador e apresentou propostas de resolução dos problemas que descreveu nos seus textos, que poderiam ter sido aquilo que atualmente chamamos de políticas públicas. Áreas como a saúde, a habitação ou a educação, que exigem uma atenção particular nos dias de hoje, tiveram um espaço importante nas crónicas fialhianas na viragem do século XIX.

A Lisboa Decadente

Deambulando pela cidade de Lisboa, Fialho de Almeida observava as ruas, com as suas construções e os seus habitantes, proporcionando ao jornalista literário / cientista social material para os seus escritos. Dedicou maior atenção aos bairros da Mouraria e de Alfama. Nas suas palavras, no bairro de Alfama nada há a nível arquitetónico que valha a pena manter, salvo algumas alfurjas e becos e partes da muralha fernandina e joanina. Sai-se “enojado da porcaria das ruas e das lojas, da insulez arquitetónica dos prédios, da irremissibilidade anti-higiénica, enfim daquele imundo *ghetto* onde pulula uma rale de gente verde, ossosa, e que parece

exumada depois de alguns meses de podridão subterrânea” (Almeida, 1960, p. 107). Faz-se referência à morte e, de forma muito explícita, a ideia do submundo que é este bairro (e outros, como o Castelo, Santa Apolónia ou Mouraria), por toda a miséria que os percorre. Fialho afirma mesmo que, na sua opinião e de outros médicos que têm “escoldrinhado” (Almeida, 1960, p. 107) aqueles bairros, estes devem ser demolidos para conseguir destruir os seus “focos de patogenia complexa” (Almeida, 1960, p. 108) e para construir uma adequada rede de canalização e de esgotos “para a imundícia não fazer depósitos permanentes no subsolo, já de si secularmente infiltrado e pestilento” (Almeida, 1960, p. 108). Fialho, apesar de praticamente não ter exercido a profissão para a qual estudou, não deixa de aplicar os conhecimentos obtidos no trabalho literário e de propor mudanças que melhorem as condições de vida dos habitantes da capital portuguesa. Neste caso, a construção de uma rede de saneamento básico para melhorar a saúde pública. Com o advento do Realismo-Naturalismo, o repórter passou a ser um cientista social, que investigava a sociedade que o rodeava para escrever os seus textos. Aliás, Soares considera que os primeiros jornalistas literários foram os primeiros sociólogos, que se preocupavam em investigar a pobreza, a falta de higiene, as doenças, a mortalidade infantil, a poluição e outros problemas sociais, como o crime, a prostituição e os vícios que levam à degradação humana (2017, p. 65). São precisamente estes os temas mencionados nas crónicas escritas por Fialho de Almeida que cumpre, assim, uma das características do jornalismo literário. Na verdade, ele encara a sociedade como um organismo doente e não se consegue dissociar da sua formação médica. É o que afirma Costa:

Como médico, o escritor vê sobretudo doentes, casos clínicos: do psiquismo, do carácter, do meio ambiente que frequentam. O mundo é um grande hospital: cada indivíduo com a sua história de vida (e de doença). (...) Já não se situa numa lógica naturalista: se o destino das personagens se encontra relativamente traçado, e anunciado, em função das leis do determinismo social, é o sintoma e o caso da doença, como degenerescência, que interessam Fialho, e não a sociedade em si. Sob este aspeto, Fialho é não só um pessimista, como um individualista. Como escritor, não consegue separar-se do médico. A sua medicina foi a escrita (Costa, 2004, p. 27).

Para Fialho de Almeida, a decadência dos bairros depende dos seus habitantes: “Não é bem a miséria, muitas vezes, o impulsor principal da porcaria lisboeta (...) mas o desmazelo horrível que as famílias do povo põem na casa, e a nenhuma noção de aconchego que a população operária se faz sobre a vida de família” (Almeida, 1904, pp. 354-355). O autor refere que o interior das casas dos operários parece uma toca para dormir, com poucas peças de mobiliário que ninguém limpa

ou repara; os quartos estão nas zonas escuras da casa e olhar lá para dentro faz náuseas; a cozinha tem tudo sujo e os cheiros da pia e do esfregão são fétidos.

Fialho de Almeida não se limita a observar e a relatar o que vê. Quer ser interventivo e sugere que a Câmara Municipal proporcione banhos gratuitos a estas pessoas e que o governo forneça água barata e que ensine “o amor da casa e da limpeza” (Almeida, 1904, p. 355) em vez de se lembrar delas apenas para pedir impostos e levar os filhos para o exército. Sugere ainda que lhes seja dada a possibilidade de morarem em bairros mais claros e a disponibilização de cursos de trabalho doméstico para estas mulheres, e não que se ensine apenas “bordados a ouro” (Almeida, 1904, p. 357). Além disso, os polícias devem inspecionar regularmente estas casas e impor a higiene.

Na crónica “Lisboa Monumental” (1906), inserida na coletânea *Barbear, Pentear* [1911], Fialho de Almeida fala dos bairros operários e reforça a impressão obtida com o interior das casas. Neles, tudo é mau:

são poçanheiras asfíxicas, sem beleza nem graça, em pátios lúgubres, terrenos de refúgio e mau acesso, mal expostos, mal calafetados, mal enxutos (...). Casas estreitas, mal repartidas, decrépitas, ruas tortuosas onde escasseia a luz e o ar, canos insuficientes que estagnam debaixo dos prédios, por tempo indefinido as imundícias e resíduos da vida – lixo, dejetos, que agora saem pelos barris e canos de esgoto, e logo tornam pela janela, em poeiras e exalações do solo e do ar contaminados, ou sob a forma de lamas, pela porta, agarrados aos pés dos moradores... Ruas varridas em seco, às horas vitais em que a população ainda moureja, e não varridas nunca, numa terra em que a nortada imbecil, todas as tardes faz engolir aos transeuntes o esterco avulso das calçadas mal feitas e dos macadames nem petrolados, nem alcatroados, segundo a norma das terras higiénicas... Carroças de lixo a céu aberto, cheias de buracos e fendas, que por um lado apanham o esterco, e por outro o vão peneirando aos solavancos das rodas, por calçadas cheias de escaninhos... Esgotos horríveis, pestosos urinóis sem desinfeção nem limpeza regular, latrinas no sítio mais escuro e húmido das casas, onde os únicos líquidos são urinas ou águas corruptas de cozinha — madeiras podres e soalhos fendidos, por cujas frinchas os detritos infecciosos se anicham, lustres, constituindo nos entressolhos outros tantos focos de cultura — doenças contagiosas que passam, matam e vão renovando os inquilinos, sem que nenhuma desinfeção, pintura ou lavagem regular dos muros e soalho (Almeida, 1960, pp. 108-109).

Esta longa citação revela o ambiente que se vivia nestes bairros decadentes, em que as condições das ruas e do interior das casas são inaceitáveis e nojentas, propiciando o aparecimento de focos de infeção graves que levam à morte de muitos dos seus habitantes. A solução apresentada pelo autor, noutra situação interven-

tiva e com uma visão de políticas públicas, é deitar abaixo as casas, drenar os solos, fazer uma canalização hermética e esgotos para o rio ou, com uma visão muito contemporânea, “revertendo os dejetos para montureiras que a química trate e inofensiva, o que daria por si uma riqueza subsidiar da agricultura suburbana, evitando a infeção da margem do rio” (Almeida, 1960, p. 110). As novas casas seriam pequenas, com um ou dois pisos, em tijolo refratário, de inspiração típica portuguesa, jardins e muros. E a descrição que é feita destas futuras habitações é alegre, colorida, por oposição à triste realidade: “os muritos brancos da cerca, orlados de rede de adobos, vermelha ou amarela, (...) cancelas verdes, (...) o *cottage* risonho, airoso, de cortininhas brancas e gaiolas” (Almeida, 1960, p. 111). As ruas seriam direitas, largas, com passeios e árvores, bancos à porta. Uma rotunda central seria ajardinada e iluminada para concertos e atividades ao ar livre. Teria também a biblioteca pública, o lactário, a creche, o balneário gratuito, ginásio, uma igreja, um espaço para conferências e comícios e a escola. Daqui sairiam todas as ruas, que dariam para praças com jardins infantis e campos de jogos para adultos. Seria um espaço saudável, arejado e agradável, o contrário da realidade existente. Fialho apresenta os planos para a denominada *City Beautiful*, movimento que adquiriu grande destaque no início do século XX e teve como principal mentor o arquiteto Daniel Hudson Burnham (1846-1912). A sua meta era promover o embelezamento e construir uma cidade monumental como forma de criar um ambiente moral e cívico para os habitantes. O marco inicial deste movimento aconteceu na Exposição Colombiana de Chicago, em 1893, quando Burnham tinha como objetivo principal superar os focos geradores de doenças, de depravação moral e de descontentamento da população. Para tal, o *City Beautiful* operou obras de embelezamento e de infraestruturas em grande escala. Baseou-se em Frederick Law Olmsted (1822-1903), considerado o pai da arquitetura paisagística norte-americana, que defendia a construção de parques públicos e outras áreas verdes no interior dos centros urbanos para assegurar uma ordem moral harmoniosa. Além disso, o papel dos edifícios tornou-se predominante para a promoção do apelo estético que o *City Beautiful* procurava e, não importando onde estivessem, os edifícios deveriam adquirir um aspeto monumental para construir um orgulho cívico. Uma das cidades que revela este estilo é Washington DC. Ou seja, Fialho de Almeida pegou em ideias deste movimento e sugeriu aliar a evolução arquitetónica à saúde pública, providenciando espaços belos e saudáveis que, por sua vez, seriam habitados por pessoas igualmente sãs.

Já a 26 de novembro de 1876, na secção do folhetim e na primeira página do jornal *Correspondência de Leiria*, num conjunto de cinco crónicas intituladas “Calamitas, calamitatis”, Fialho de Almeida apresentava a razão para a calamidade de doenças e epidemias que acontecia nas cidades (não só Lisboa, mas também

Londres ou Paris): a aglomeração. E apresenta exemplos que comprovam a sua afirmação, descrevendo os habitantes destes bairros decadentes:

Os que responderem que romantizo, visitem Alfama, as vielas da Esperança que se empinam até Castelo Picão, os labirintos imundos que começam à roda do Hospital de S. José e acabam próximo de S. Domingos e Betesga ou Rua Nova da Palma. Ao escurecer todas essas vielas lamacentas, já mais beijadas pelo sol, todas essas casas negras, sem vidros, sem asseio, sem conforto, são inundadas pela turba operária, pela população ociosa e criminoso; acotovelam-se fadistas e meretrizes, operários e costureiras. O investigador tomará, atravessando as turbas, conhecimento duma série infinita de amores venais, projetos estultos, intrigas criminosas; se tiver o ouvido delicado, sairá com ele fechado por um *calão* assustador e áspero, por gargalhadas de gente sem pudor e sem brio, por apóstrofes de canalhas para canalhas; e se detiver um momento, parando, a sua curiosidade, corre o perigo de um insulto ou duma violência corporal (p. 1).

À degradação das habitações junta-se a degradação das pessoas que lá moram, os ‘outros’ lisboetas, pobres, operários, ociosos, criminosos. Salientamos a utilização da palavra ‘investigador’ para o autor se referir a quem imergir nas ruas para se inteirar da verdadeira situação social. Poderá ser um cientista ou o jornalista literário (Fialho de Almeida foi ambos).

A Saúde

Depois de apresentados os bairros pobres de Lisboa, repletos de defeitos, na opinião de Fialho de Almeida, este revela as doenças de que padecem os seus habitantes, ainda na crónica “Calamita, calamitatis” de 26 de novembro de 1876:

é nesta fermentação — deixe-me chamar-lhe assim — de vícios e prostituições que germinam as doenças modernas; a anemia, as nevroses, a melancolia (para mim uma doença) e as doenças cerebrais (...). Para mim estes sintomas de enfraquecimento das gerações modernas representam simplesmente a aniquilação lenta, mas progressiva, das grandes coletividades (p. 1).

Estes padecimentos modernos só se podem estudar, no entender de Fialho, “nos covis da miséria” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1), uma vez que há “uma atmosfera saturada de emanações pútridas, húmida e sepulcral” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1), onde se desenvolvem “as afeções linfáticas e cutâneas, a *tinha* e a *plica*; não são raros os *tumores brancos*, as variedades tão numerosas da família *dartrosa*, a *lepra* rara já” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1). Acrescenta o autor que as famílias “têm em si os gérmes de enfermidades terríveis, especialmente as sífilíticas com o seu cortejo de horrores, gérmes transmitidos de pais a filhos”

(Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1). Outra vez, Fialho é testemunha ocular das suas afirmações ao referir: “eu percorro muitas noites, muitas manhãs estes lugares onde acampa a miséria, a pobreza desmoralizada pelo infortúnio e confrange-se-me o coração de piedade diante de bandos de crianças que seminuas recolhem para os albergues da família” (Almeida, 1876, 26 novembro, p. 1).

É fundamental chamar a atenção para alguns aspetos do pensamento fialhista nestes excertos. Por um lado, a referência às doenças, fruto da sua formação como médico. Contudo, muitas destas doenças são sociais, próprias das sociedades que vivenciaram progresso e chamadas à literatura com a geração realista e naturalista, na qual Fialho se insere. Além disso, o jornalismo literário teve a sua génese precisamente na época do Realismo-Naturalismo e Fialho, como jornalista literário que é, não foge à regra.

Lisboa vive uma época de decadência e degeneração, tanto nas habitações como nas pessoas. Num momento em que se padece de várias doenças do foro psiquiátrico e patologias sociais, como o crime, o suicídio, o alcoolismo e a prostituição, Fialho contribui para as mostrar aos seus leitores. O país continuava atrasado em muitos aspetos, como na alfabetização ou na saúde, porém não podemos esquecer que o período da Regeneração foi de grande impulso na indústria e nos transportes. A migração para as grandes cidades, e principalmente para a capital, teve os seus efeitos nefastos em Portugal como havia tido em Inglaterra. No nosso país, a manifestação pública mais evidente aconteceu pela pena de Antero de Quental, com a conferência intitulada “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos”, proferida no Casino Lisbonense a 27 de maio de 1871.

A ideia de decadência não pode ser dissociada das correntes estéticas do final do século XIX: o Realismo, o Naturalismo e o Decadentismo. O Naturalismo (iniciado em 1867 por Émile Zola, com *Thérèse Raquin*) continha aspetos programáticos e doutrinários que o diferenciam do Realismo, que o antecedeu (Gustave Flaubert publicou *Madame Bovary* em 1857 e em Portugal, Eça de Queirós lançou a primeira versão de *O Crime do Padre Amaro* em 1875). A principal diferença entre estas duas correntes é o facto de, no Naturalismo, o autor levar a ciência para a obra de arte, demonstrando teses científicas, principalmente de psicopatologia. Tal deve-se ao facto de esta corrente estética se basear no Positivismo de Auguste Comte^[1] (que defendia uma atitude voltada para o conhecimento ‘positivo’ da realidade, ou seja, do que é concreto, objetivo, que possa ser analisado e experimentado para que se saiba o ‘como’ e não o ‘porquê’) e, conseqüentemente, de ter o culto da indução e de métodos experimentais. Fialho afirma mesmo: “o romancista carece de ser um homem de ciência, pensador profundo, escarpelista sagaz,

1. Auguste Comte (1798-1857). Filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo.

espírito cheio de critério e bom senso, e, sobre tudo isto, artista” (Almeida, 1969, p. 115). Estas características não são exclusivas do romancista, mas deverão estar presentes também num jornalista literário, como o próprio autor destas palavras.

O Determinismo de Taine² está também na base do Naturalismo, corrente estética que implica uma posição combativa, com a análise dos problemas postos em evidência pela decadência social: o alcoolismo, a histeria, o roubo, a homossexualidade ou a alienação mental. Analisa-se o passado para se explicarem os comportamentos presentes. Pelo contrário, o Realismo apenas mostra a realidade com certa isenção sem ir buscar a ciência. Centra-se na observação e análise de costumes sociais, criticando a sociedade do seu tempo e versa temas da vida familiar, económica, cultural e social. A teoria da raça, do meio e do momento, de Hippolyte Taine, ou teoria determinista, surgiu na obra *Histoire de la littérature anglaise* (1866). Aqui, o autor defende que o meio em que o indivíduo vive (a natureza e as outras pessoas) influencia o desenvolvimento do seu carácter. As três forças primordiais para a formação do homem são a raça, o meio e o momento. Taine afirma que “*la race, ce sont ces dispositions inées et héréditaires que l’homme apporte avec lui à la lumière, et qui ordinairement sont jointes à des différences marquées dans le tempérament et dans la structure du corps. Elles varient selon les peuples*” (Taine, 1866, p. xxiii). Estas disposições são instintos e aptidões que estão no sangue. A mudança ocorre com uma mistura de sangue como, por exemplo, através de uma invasão ou conquista permanente. No entanto, estas características hereditárias podem ser alteradas pela ação de elementos do meio: o ar, os alimentos, a temperatura, o clima, a Natureza e os homens que rodeiam o indivíduo. O momento é também importante, seja aquele em que se vive como os passados, que deixam marcas que sobrevivem até ao presente. Cada momento produz resultados diferentes. Pela interseção destas três forças, o homem revela-se através das suas roupas, gestos e ações. Estas ideias surgem frequentemente nos escritos fialhianos, como observámos em citações anteriores.

Outro aspeto da cidade de Lisboa referido por Fialho de Almeida relacionado com a saúde pública é o da morte. Em 1881, na rubrica “Zigue-Zagues” do *Novidades* de 13 de janeiro, Fialho dedicou um longo texto aos ritos funerários da época. A sua preocupação era higiénica e apresenta aos leitores uma imagem dos cemitérios nada salubre:

as sepulturas, tão pouco fundamento talhadas e tão prematuramente removidas, fazem dos cemitérios enormes focos de podridão, donde se levantam, em nuvens os miasmas, que as brisas regulares, já das montanhas, já trazidos sobre as correntes do Tejo, todos os

2. Hippolyte Taine (1828-1893). Crítico e historiador francês, um dos expoentes do Positivismo.

dias arrojam em corrente para a atmosfera paludosa da cidade (Almeida, 13 de janeiro de 1881, p. 2).

Ramalho Ortigão, em março de 1882, em *As farpas*, partilha a mesma opinião:

Lisboa é um seminário de micróbios.

Em nenhuma outra cidade do mundo se cultiva hoje o miasma com mais esmero, com mais arte, com mais amor.

O caneiro de Alcântara é o grande gasómetro do vírus infeccioso. Os cemitérios dos Prazeres e do Alto de S. João são os dois Alvielas canalizados dos gases deletérios. (...)

Cada bairro, cada rua, cada casa tem o seu miasma especial (Ortigão, 1948, pp. 291-292).

A semelhança de opiniões que transparece nos dois trechos é evidente, revelando uma preocupação destes jornalistas literários com a saúde pública da capital. Acaba por ser esta a situação que levou as autoridades a estabelecerem planos para novos cemitérios, uma vez que já desde o século XVIII havia queixas de corpos não enterrados quando não havia campas abertas suficientes e de exalações de podridão (André, n.d., pp. 77-78). Fialho, na mesma crónica, critica o facto de os cemitérios da cidade estarem mal situados e de serem pequenos e poucos para a quantidade de mortos que as várias doenças provocam: “os aneurismas estoirados, as hipertrofias, os tubérculos, as meningites, os tifos e a sífilis com toda a variante enorme das discrasias do sangue” (p. 2). Critica ainda o facto de os dois cemitérios municipais (Prazeres e Alto de S. João) estarem pouco altos e pouco afastados das habitações e de as condições geológicas dos terrenos não serem as melhores para a instalação dos mesmos. Vai mais longe e afirma que a epidemia de tifo ocorrida em 1880 em Alcântara se deveu às escorrências dos Prazeres. Fialho une, através da doença e da morte, as duas cidades que compõem a capital portuguesa. Como jornalista literário que é, não descarta nenhum pormenor por si observado, não deixando ao mesmo tempo de deixar transparecer a sua interpretação dos factos que transmite ao leitor como sendo verídicos, objetivos e fiáveis.

No caso das valas comuns, o autor em estudo afirma que a situação é muito grave, uma vez que não são muito profundas e comportam muitos corpos que são levantados antes do tempo adequado (cinco ou seis anos). Juntando às condições geológicas do terreno, “o terrível invasor miasma, que se nutre da morte e da podridão, ganha força e multiplica-se, (...) [vem] espriar-se às ondas, faminto e devastador, sobre a população asfixiada já pelos animálculos da sargeta, pelos fétidos de *ménage* e pelas fermentações do saguão” (Almeida, 13 de janeiro de 1881, p. 2). Em face desta situação trágica para a higiene pública, Fialho apresenta a sua

ideia para solucionar o problema: deve abolir-se o cemitério e substituir o enterramento pela cremação. Já em 1856 o Marquês de Sousa Holstein havia escrito o artigo “Inconvenientes dos cemitérios sua substituição pela ustão dos cadáveres”, propondo a cremação como estratégia para evitar os problemas de saúde pública (André, n.d., p. 95). Mas o desejo fialhiano de renovação dos ritos fúnebres é tal que dá sugestões até sobre a arquitetura do crematório e os compartimentos que devia ter o edifício e as suas funções. Mais uma vez, o lado médico e científico de Fialho transparece nos seus textos. Por outro lado, o jornalismo literário é o jornalismo comprometido que pretende a mudança.

Ainda com uma visão de políticas públicas na área da saúde, Fialho de Almeida descreve outro espaço da capital portuguesa que merece destaque pela negativa. É o edifício do Hospital de S. José, que se encontra em mau estado de conservação e não oferece condições de segurança e higiene para os seus frequentadores, pelo menos desde os tempos de estudante do autor. É um “dédalo inextricável de escadinholas e corredores sinistros, (...) [uma] incomensurável arca de Noé” (Almeida, 1992a, p. 139). Segundo Fialho de Almeida, faltam várias salas e serviços, como uma receção para doentes, salas onde se possam colocar doentes quando se desinfetam enfermarias ou salas de isolamento para doenças contagiosas. Não existe serviço de maternidade, anfiteatro para a realização de operações, um quarto decente para doentes que possam pagar e os instrumentos para cirurgia ou medicina são escassos. As enfermarias estão ocupadas com o triplo ou quádruplo da sua lotação adequada. O autor critica a distribuição da luz, os sistemas de ventilação e de aquecimento, a qualidade dos materiais e das mobílias, “o estado carunchento dos solos” (Almeida, 1992a, p. 139), a humidade nos muros. A degradação é tal que Fialho afirma que, em vez de Real Hospital, se deve chamar “estrumeira ou matadoiro” (Almeida, 1992a, p. 139). Com o intuito de recorrer ao jornalismo como um instrumento impulsor de mudança, apela aos outros jornalistas / repórteres / investigadores sociais para que façam uma visita aos “fundões medonhos do Hospital, onde a viva solicitude do enfermeiro-mor, e os desvelos dos clínicos assistentes, pouco logram fazer, atenta a vergonhosa pobreza, e a inqualificável promiscuidade em que tudo jaz ali” (Almeida, 1992a, p. 139). Em suma, os epítetos utilizados (dédalo, arca de Noé, estrumeira, matadoiro) remetem-nos para a grande degradação deste edifício, que mais parece servir para abrigar animais ou para os deixar morrer.

A Educação

A educação é outra área sobejamente referida nas crónicas fialhianas. O jornalista literário critica o ensino do final do século em Portugal. Segundo ele, na crónica de 4 de julho de 1890, no ministério está “pessoal abtruso e ignaro, descultivado

e indiferente” (Almeida, 1992b, p. 106). Considera que a situação decadente que o ensino vive é causada por estas pessoas, bacharéis jovens, incompetentes e com vontade de mandar. O conselho de instrução pública legisla sobre o que não conhece, reforma o que lhe interessa, impõe às escolas castigos e prémios. No entanto, acredita que há ainda bons professores. Os planos de estudo não haviam mudado desde que o autor estudou, e faziam então com que os alunos entrassem no ensino superior “cabisbaixos e desinteressados das questões, olhando as rutilâncias da ciência através do prisma da estopada e o belo espetáculo da vida através duma nostalgia divergente, alucinatória por vezes, dentro da qual turbilhonavam já bactérias de muitas futuras doenças incuráveis” (Almeida, 1992b, p. 113). Razão disso é o facto de se ensinar como uma enciclopédia e não como um método, como um fim e não como uma preparação, sem ginastizar o espírito de acordo com as aptidões de cada estudante. Era um “estudo embrutecedor, deprimente de todas as forças físicas e de todas as faculdades mentais, com exceção do exercício exclusivo da memória” (Ortigão, 1946, p. 26). Grave também é a situação dos estudantes lisboetas:

a evidente fraqueza física, o esgotamento apático, a *courbature*, a tristeza, o ar espectral, quase idiota, que eu vi transparecer em mais de metade dos estudantes que erravam ontem pelos corredores do liceu de Lisboa, a pequenos grupos, cabisbaixos e lívidos, o ar escorçado de quem espera uma sentença de morte – ou mais compostos e míopes — de colarinhos altos, ombros caídos, mãos húmidas, inermes pulsos (...), andando nas pontas dos pés para não fazerem bulha, falando baixo (Almeida, 1992b, pp. 113-114).

São alunos fracos fisicamente, mas tudo na descrição nos remete para uma falta de alegria e de vontade, uma resignação quase, que surge novamente logo a seguir:

e eles hirtos, inermes, sem uma palavra alta, nem um riso libérrimo, nem um gesto independente, nada mais do que a tristeza dos seus lares estrelejados em melancolia nos olhos, e o dorso curvo, como o dum escravo, às reprimendas dos guias e diretores das suas prisões (Almeida, 1992b, p. 114).

Estes alunos são em tudo diferentes dos alunos ingleses apresentados por Raimundo Ortigão em *John Bull*, que apresentam “a serenidade pura e ativa do *self-command*” (1943, p. 182), que frequentam escolas cujo principal objetivo é formar o “perfeito animal” (1943, p. 183), capaz de se dominar a si e aos outros (Rosa, 2009, p. 95). Pelo contrário, “o aluno típico do liceu de Lisboa, de cabeça casposa e mãos suadas, magricela, cuspinhento, apedantado mas pusilânime, vestindo como

um fadista e cheirando a roupa suja” (Ortigão, 1943, p. 183) não terá capacidade de liderança e será um elemento decadente na sociedade, uma vez que as escolas não ensinam o que é preciso para “vingar no conflito da vida prática, na luta pela existência” (Ortigão, 1953, p. 157). Esta ideia da fragilidade física e psicológica é reforçada na descrição do aluno português na crónica de julho-agosto de 1876 de *As farpas*, quando Ramalho Ortigão apresenta o resultado dos métodos pedagógicos portugueses:

Intonsas cabeleiras cheias de caspa, espinhaços sem consistência, dobradiços e fatigados, fisionomias entristecidas, olhos mortos, mucoses descoradas, mãos suadas (...), *toilettes* pretensiosas de um dandismo pelintra, as unhas crescidas dos tocadores de guitarra, o passo arrastado e incerto sem determinação e sem firmeza, a voz velada, a elocução tardia, a tendência para bulir, a incapacidade para estar sereno e correto, o gesto esbandalhado, as maneiras torpes (...). A esse aspeto externo corresponde moralmente a inação mental, a apatia da curiosidade, o entorpecimento do critério, a atrofia do senso moral, finalmente a medonha preguiça do cérebro (Ortigão, 1946, p. 37).

Serão estes os futuros cidadãos de Portugal, incompetentes, ociosos, criminosos que “chegam ao homicídio, ao suicídio, à crápula, à cadeia ou ao degredo” (Ortigão, 1946, p. 37).

Fialho de Almeida refere ainda os colégios internos, “uma permanente agência de assassinos (...), de degenerações físicas, de perversões morais, de definhamentos de toda a ordem (...). E se os mais robustos resistem, quase sempre os *hereditários* afocinham” (Almeida, 1992b, pp. 115-116). O autor considera que as crianças precisam de luz e ar para se desenvolverem, de boa alimentação e de exercício físico para que sejam saudáveis, e não levar uma “vida promíscua de caserna” (Almeida, 1992b, p. 119). Em *Pasquinadas* [1890] vai mais longe e afirma que a educação Física está igual ou pior do que há vinte anos, no tempo de *As farpas* de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão e da *Correspondência de Leiria*: “Portugal continua, meus senhores, a ter o peito estreito, os músculos moles, o fim das costas adiposo, o suor azedo, e murraça nas canelas e nas orelhas” (Almeida, 1904, p. 347-348). De tal forma as constatações sobre a educação apresentadas pela generalidade dos autores são negativas que, na crónica intitulada “Lisboa nova e Lisboa velha” [1890], Fialho, ao mencionar a educação dos rapazes burgueses, deverá estar a ser irónico, pois apresenta uma ideia totalmente oposta à veiculada anteriormente e na mesma época em que escreveu a crónica inserida na coletânea *Pasquinadas*:

a educação dos ginásios, a apoteose da beleza feita aos acrobatas sob o ponto de vista da força, e uma forte propaganda dos exercícios de destreza — a carreira, a caça, a equitação, o tiro ao alvo, a remagem,

etc. — vão transformando para melhor o tipo dos nossos rapazes, criando corpos vigorosos, musculaturas elásticas, linhas finas e firmes, outra correção de caráter e outra viveza de temperamento. (Almeida, 1994, p. 22).

São as características do ensino inglês que Fialho gostaria de ver aplicadas ao sistema português. O autor defende uma luta que deve ser feita, no fim de contas, para melhorar a raça: “fazer pais e mães sadios e ferros, para formar batalhões depois” (Almeida, 1904, p. 347-349), uma vez que, para se ser um homem como deve ser, não se deve vir “diretamente de uma hortaliçeira” (Almeida, 1994, p. 23). E mais uma vez, a propósito dos colégios internos, encontramos referência direta a Taine, juntado o meio e a raça: “somem-se agora as depressões causadas pelo internato com as que já possam vir derivadas da hereditariedade” (Almeida, 1992b, p. 119).

Relembramos que Fialho estudou durante cinco anos num colégio privado, logo sabe do que fala, e no texto autobiográfico “Eu”, de 1892, queixa-se da dureza da vida que lá passou, com “anos de privações e de maus tratos” (Almeida, 1903, p. x). A mesma ideia havia sido transmitida por Fialho numa série de quatro crônicas com o título “Sistemas de Educação”, publicadas na *Correspondência de Leiria*, entre 19 de dezembro de 1875 e 20 de fevereiro do ano seguinte. Critica o ensino em Portugal, desde a má alimentação nos colégios, passando pelo uso de palavras grosseiras, a falta de amor, diretores sem qualificações e terminando nos vícios que se adquirem. Acusa o facto de não se estimular o espírito crítico, antes se impõem opiniões já formadas: “criar o espírito e o corpo livremente, não sujeitando a criança a certo número de opiniões, não lhe esmagando a coragem sob uma clausura maldita, nem lhe roubando a determinação própria por um despotismo absurdo: eis aí a grande base da educação” (20 de fevereiro 1876). Estas atitudes revelam-se depois nas características físicas e psicológicas dos alunos, os “doentes” da sociedade decadente: “algumas espinhas curvam-se, o cérebro padece, enfraquecendo-se as faculdades; a vista encurta-se, dificulta-se (...). Faltam as forças, cansam-se as faculdades, o espírito saturado combale-se, adormece, mergulha-se numa contemplação estática que desvia a aplicação e conduz a ruínas” (23 janeiro 1876). Além disso, “muitos apresentam um crescimento prematuro, como que enganoso, mas o abatimento, a palidez doentia revela a ação do meio que habitam (19 de dezembro 1875).

A educação feminina não é esquecida por Fialho de Almeida que, numa crônica de 31 de agosto de 1890, inserida na obra *Vida irónica*, a isso alude, a propósito de um projeto de lei que pretende reorganizar a instrução secundária feminina. Este projeto propõe quatro anos de estudos simultâneos de moral, religião, direito, li-

teratura, história, geografia, ciências físicas e naturais, matemática, desenho, labores, canto e ginástica. O autor critica a ausência do estudo das línguas e o facto de ser um plano de estudos semelhante ao dos rapazes, que não tem obtido bons resultados. Para Fialho, o plano de estudos do ensino feminino parece desviar “a mulher de todas as missões de confiança e de ternura, para que ela parecia nascida e propensa desde a origem” (Almeida, 1957, p. 206). A nota de machismo prossegue, questionando se serão os homens a terem os filhos e a fazerem as refeições, uma vez que elas serão preparadas para invadir os cargos masculinos. Não devemos esquecer que a mulher é também um ‘outro’ na sociedade e Fialho não deixa de seguir a ideologia do seu tempo. Aliás, na crónica “Um juízo do ano” (n.d.), inserida na obra *Barbear, pentear*, Fialho de Almeida refere que esta figura nunca está bem na classe social a que pertence:

se é costureira ou cigarreira, querendo-se passar por senhora ou filha de empregado, se da burocracia ou do comércio, querendo passar por dama da alta; se da alta, fingindo-se princesa; se princesa, aspirando a divindade — nunca a lisboetazinha está quieta na categoria social que Deus lhe deu (Almeida, 1960, p. 23).

O recurso ao diminutivo em “lisboetazinha” apresenta um sentido depreciativo que vem na sequência do que foi afirmado, revelando uma característica do jornalismo literário, a possibilidade de deixar transparecer a opinião do jornalista. Fialho propõe, ainda em *Vida irónica*, que, em lugar de dois anos de matemática e de direito, devia haver cursos de cozinha, economia doméstica, alfaiataria e enfermagem, para que a mulher seja uma verdadeira dona de casa. Este último é de grande importância, pois seria útil no campo, onde os médicos estão longe, e nos cuidados às crianças. O jornalista literário não se coíbe de dar sugestões por forma a que se possa inverter a situação de degeneração vivida na capital.

Conclusão

Em suma, sendo a educação uma preocupação de Fialho de Almeida e dos intelectuais do final do século XIX, todos os autores mencionados criticam a falta de exercício físico dos alunos portugueses, por oposição aos ingleses - “as novas gerações passam o melhor dos dias jogando ao *cricket* e ao *football*, correndo, lutando, respirando ao ar livre e formando músculo” (Reis, 1988, p. 93); um aspeto imundo, frágil e decrépito, curvado como um “escravo” (Almeida, 1992b, p. 114), enquanto um aluno inglês transpira confiança, saúde e autonomia; a falta de estímulo para desenvolver o espírito crítico através da leitura de “Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura” (Queirós, n.d., p. 53), do estudo do Latim, da Retórica e da

Lógica (Queirós, n.d., p. 54). Para o homem que trouxe o Realismo para Portugal na conferência do Casino Lisbonense intitulada “A nova literatura – o Realismo como nova expressão de arte” (12 de junho de 1871), Lisboa está ainda romântica e, como tal, educar os “filhos inteligentemente, está decerto abaixo da sua dignidade” (Queirós, n.d., p. 54). A comparação entre os alunos portugueses e ingleses vem manifestar o apreço que os autores tinham por uma civilização por eles considerada superior, que formava dirigentes do maior império do mundo à altura, ao contrário dos alunos portugueses, ainda agarrados a um ensino retrógrado que não desenvolvia as suas plenas capacidades. Na realidade, é do equilíbrio das faculdades físicas, intelectuais e morais “que procedem os homens verdadeiramente superiores, os grandes homens úteis, os cidadãos prestáveis” (Ortigão, 1946, p. 50). O que se constata é que “ninguém se educa com o intuito de se completar como homem, de se formar como cidadão” (Ortigão, 1946, p. 40).

Fialho de Almeida, jornalista literário que dedicou muita da sua vida à escrita sobre a cidade de Lisboa, não descreveu apenas os aspetos que ele considerava negativos: as casas degradadas cujos habitantes eram igualmente decadentes social e moralmente, a educação providenciada na capital que, ao contrário do sistema educativo inglês, apenas criava alunos fracos e cidadãos impreparados para a vida e a saúde pública. Imbuído das ideologias da sua época, era ele próprio interventivo nas suas crónicas, deixando soluções que, no seu entender, e fruto dos seus conhecimentos científicos da área da medicina, eram as melhores para mudar as áreas acima referidas. O jornalista literário propunha a construção de habitações condignas e saudáveis em bairros bonitos, habitadas por cidadãos educados para as manterem em condições de salubridade. Propunha medidas higiénicas não só para os vivos, mas igualmente para os mortos, de forma que os cemitérios não fossem causadores de doenças devido a más práticas.

O jornalista literário era simultaneamente investigador social e tentava agir para que a mudança acontecesse. Fialho de Almeida, médico de formação e escritor de paixão, deixou nos seus textos muitas medidas que gostava de ver implementadas pelo poder político, sempre com a perspetiva de melhoria dos espaços e da saúde pública, não descurando a educação, o motor para a tão necessária mudança. O jornalismo literário, pela pena fialhiana, andou de braço dado com as políticas públicas na Lisboa da viragem do século XIX.

Referências

- Almeida, F. de (19 de dezembro de 1875). *Correspondência de Leiria*, nº 60.
Almeida, F. de (23 de janeiro de 1876). *Correspondência de Leiria*, nº 65.
Almeida, F. de (20 de fevereiro de 1876). *Correspondência de Leiria*, nº 69.

- Almeida, F. de (26 de novembro de 1876). *Correspondência de Leiria*, nº 109, p. 1.
- Almeida, F. de (13 de janeiro de 1881). Zigue-Zagues. *O Século*, nº 8, p. 2.
- Almeida, F. de (1903). *À esquina. Jornal d'um vagabundo*. Coimbra: F. França Amado.
- Almeida, F. de (1904). *Pasquinadas (jornal d'um vagabundo)*. (2ª ed.) Porto: Livraria Char-dron.
- Almeida, F. de (1957). *Vida irónica, jornal d'um vagabundo*. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1960). *Barbear, pentear: jornal d'um vagabundo*. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1969). *Figuras de destaque*. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1992). *Os gatos*, vol. 1. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1992). *Os gatos*, vol. 2. Lisboa: Clássica Editora.
- Almeida, F. de (1994). *Lisboa galante*. Lisboa: Vega.
- André, P. (n.d.). Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa: o caso do Cemitério dos Prazeres. *Revista de História da Arte*, pp. 66-105. Artigo consultado em 16 de julho de 2016 em https://run.unl.pt/bitstream/10362/12450/1/ART_7_Andr%C3%A9.pdf
- Costa, L. V. da (2004). *Fialho d'Almeida, um decadente em revolta*. Lisboa: Frenesi.
- Hartsock, J. C. (2000). *A history of American literary journalism: the emergence of a modern narrative form*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- Ortigão, R. (1943). *John Bull. O processo Gordon Cumming, Lord Salisbury e correlativos desgostos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Ortigão, R. (1946). *As farpas*, vol. XVI. Lisboa: Clássica Editora.
- Ortigão, R. (1948). *As farpas*, vol. VII. Lisboa: Clássica Editora.
- Queirós, E. de (n.d). *Cartas de Inglaterra e crónicas de Londres*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Reis, J. B. (1988). *Revista inglesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote / Biblioteca Nacional.
- Rosa, Vanda Cristina (2009). *Revista Inglesa: percursos de Jaime Batalha Reis na Inglaterra vitoriana*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Schudson, M. (1978). *Discovering the news. A social history of American newspapers*. s.l.: Basic Books.
- Soares, I. (2017). At the intersection of the risk. When literary journalism and sociology study urban problems by means of akin methodologies. *Sociologia, Problemas e Práticas* 84: 63-80. doi: 10.7458/SPP2017843466.
- Sobrinho, D. A. (1994). *Espreme que sai sangue. Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus Editorial.
- Taine, H. (1866). *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Hachette.